

MARÍA SOLEDAD ARREDONDO, PIERRE CIVIL Y MICHEL MONER (eds.) — **Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVIII)**. Madrid: Collection de la Casa Velásquez (111), 2009, ISBN 978-84-96820-32-6, ISSN 1132-7340, 627 páginas.

O volume que aqui se apresenta, intitulado *Paratextos en la Literatura Española* (siglos XV-XVIII), resulta de um conjunto de estudos reunidos por María Soledad Arredondo, Pierre Civil y Michel Moner e constitui uma das mais recentes publicações acerca de um dos temas que nos últimos anos tem vindo a ocupar um lugar relevante no âmbito das investigações literárias levadas a cabo em meio universitário, em países como a Espanha, a França, a Itália ou Portugal, entre outros que se poderiam nomear.

Na introdução a estes estudos, Michel Moner procura enquadrar, justificando, a importância da análise dos paratextos, naturalmente que a par dos textos que antecedem ou precedem, enquanto «peças» fundamentais para uma compreensão global, mais precisa e aprofundada, de certas obras manuscritas e/ou impressas ao longo dos séculos XV e XVIII, sobretudo no que diz respeito à Historiografia e à Literatura espanholas de tão grande fôlego «produtivo» no período em causa. Como refere Moner, se as abordagens iniciais sobre esta questão suscitaram uma certa desconfiança entre os estudiosos da Literatura, que viam neste tipo de enfoque a manifestação de uma moda passageira, mostrando-se resistentes à atenção dada pela crítica aos «contornos» do texto em detrimento do mesmo, a verdade é que actualmente pode dizer-se que os estudos paratextuais adquiriram legitimidade no campo da investigação científica.

Quanto à Literatura Hispânica, a ideia de sistematização dos estudos paratextuais apenas se começou a operacionalizar no início da década de 90 do século XX, num colóquio que teve lugar na Universidade de Stendhal, em Grenoble, e do qual as actas publicadas em 1992 se tornaram, desde então, numa obra de referência<sup>1</sup>. Dando continuidade ao caminho encetado, em 1994, na mesma Universidade, Anne Cayuela apresentou a sua tese sobre «El paratexto en el Siglo de Oro»<sup>2</sup>, contribuindo para evidenciar o interesse pelos estudos paratextuais, bem como para sublinhar a necessidade de dar seguimento às investigações em aberto.

Os textos integrados no presente volume seguem, precisamente, esta linha de pesquisa e surgem na sequência de um projecto de investigação iniciado por dois dos seus editores, Pierre Civil e Michel Moner, e realizado entre várias equipas de

<sup>1</sup> MONER, Michel y LAFON, Michel (eds.) — *Le Livre et l'édition dans le monde hispanique (XVI-XX<sup>e</sup> siècles). Pratiques et discours paratextuels. Actes du colloque international Centre d'études et de recherches hispaniques de l'Université Stendhal (Grenoble, 14-16 novembre 1991)*. Grenoble: Université de Grenoble, 1992 (n<sup>o</sup> hors-série de *Tigre*).

<sup>2</sup> CAYUELA, Anne — *Le paratexte au siècle d'or: prose romanesque, livres et lecteurs en Espagne au XVII<sup>e</sup> siècle*. Genève: Librairie Droz, 1996.

investigação (o LEMSO, de Toulouse; o LECEMO, de Paris III; e o CLEA, de Paris IV), em colaboração com a Universidade Complutense e a Casa Velásquez. As características das equipas implicadas no projecto, essencialmente compostas por «siglodoristas», explica o facto deste conjunto de estudos se restringir ao campo da investigação em áreas como a Literatura e a Historiografia espanholas dos séculos XVI e XVII, embora a par de outras contribuições que contemplam os séculos XV e XVIII. Na altura em que este projecto abraçou as tarefas a que se propuseram os intervenientes nele envolvidos, os objectivos a atingir seriam três: criar uma base de dados que integrasse um corpus sistemático de elementos paratextuais; investigar as relações estabelecidas (ou não) entre texto e paratexto; e ampliar a análise dos aspectos formais através de uma série de estudos temáticos dedicados às grandes questões que recorrentemente aparecem nos paratextos.

Os primeiros resultados deste projecto de investigação foram apresentados em dois colóquios, ambos realizados na Casa Velásquez: um em Fevereiro de 2006, «Prácticas y discursos paratextuales en la Literatura española del Siglo de Oro», dedicado à reformulação da ideia de sistematização dos estudos paratextuais com aplicação directa à Literatura do «Século de Ouro» espanhol; e outro em Dezembro de 2007, «Liminares y preliminares en la literatura del Siglo de Oro», que permitiu aprofundar e recuperar alguns dos aspectos pouco ou nada estudados na primeira parte do programa delineado, como por exemplo os paratextos dos textos dramáticos.

Já em 2009, após este longo percurso surge, por fim, o volume agora recenseado, organizado em sete capítulos, correspondentes às grandes linhas de orientação propostas pelo projecto de investigação atrás mencionado.

Assim sendo, o capítulo inicial, dedicado ao paratexto poético, privilegiou uma abordagem direccionada ou para a análise dos textos preliminares de uma só obra, ou para vários tipos de textos preliminares de diferentes obras, passando sobretudo por aprovações, prólogos e dedicatórias. Neste capítulo, subscrevendo a opinião de Moner, merecem especial referência três contribuições: o estudo de Jesús Antonio Cid, «Paratextos “interliminares” en el Romancero viejo y tradicional. Estribillos, invocaciones y responderes»; de Antonio Carreira, «El paratexto en los manuscritos poéticos del Siglo de Oro»; e de Pedro Ruiz Pérez, «Garcilaso y Góngora. Las dedicatórias insertas y las puertas del texto». Em função dos trabalhos que tenho vindo a desenvolver, destaco o artigo de Mónica Güell, «Paratextos de algunos libros de poesía del Siglo de Oro. Estratégias de escritura y poder»<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Refiro-me à contribuição do estudo em causa para a elaboração do texto de uma comunicação por mim proferida no âmbito das Oficinas de Investigação do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória), intitulado «Paratextos e poder: as estratégias de escrita presentes nas dedicatórias de algumas obras de natureza diversa nos séculos XVI-XVIII», realizadas no dia 28 de Setembro de 2012, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e dedicadas ao tema «A construção discursiva da Santidade: textos, contextos e paratextos».

O segundo capítulo integra três trabalhos que oferecem especial atenção às obras dramáticas. São eles, os textos de María Aranda, «Paratexto y paternidade. La dedicatória a El verdadero amante (Parte XIV de las comedias de Lope de Vega)<sup>4</sup>; de Christophe Couderc, «El autor ante la edición de sus obras. Los prólogos de las Partes de comedias»; e de Françoise Gilbert, «Paratexto y texto. Relaciones entre la loa y el auto de Calderón El árbol del mejor fruto (1677)». Questões como a relação entre a biografia «real/ficcional», a preocupação com a vida pública e as vicissitudes da ocupação literária, ou a análise do texto como paratexto de outro são respectivamente tratadas por Aranda, Couderc e Gilbert.

O capítulo terceiro, votado à narrativa, evidencia uma certa predileção pelo Lazarillo de Tormes, ou antes pelo género picaresco que este texto representa (Aldo Ruffinatto, «El lugar del destinatario y del narratario en la picaresca. [falta ? ao contrário] Texto o paratexto?»; Michel Moner, «La arquitectura paratextual de La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades»; Céline Bertin-Elisabeth, «Entre alcahuetes y pícaros. Cómo se escribe, escondiéndola, la marginalidad en los prólogos»), a par de um destacado interesse pelos paratextos das novelas bizantinas (Christine Marguet, «El por qué de la ficción. El paratexto de la novela de amor y aventuras («novela bizantina») de los siglos XVI y XVII»), pelo paratexto do Persiles (Jean-Pierre Étienne, «Trámites y trances en el paratexto del Persiles») e pelos prólogos cervantinos (José Manuel Martín Morán, «Cervantes desde sus prólogos»). Por outro lado, neste capítulo a contribuição de Maria Zerari-Penin pautou-se pela análise das variações da designação «novela» nos títulos de obras seiscentistas, questão que de resto, e devido à sua importância, tem vindo a ser alvo de diversas apreciações<sup>5</sup>.

O quarto capítulo, centrado na exposição de problemáticas ligadas à Historiografia, sai do campo da Literatura e do âmbito cronológico «del Siglo de Oro». Concorrem para a realização deste pressuposto os textos de Marta Lacomba («Estrategias y eficacia de los prólogos alfonsíes») e de Jean-Pierre Jardin («Las estrategias paratextuales en las crónicas del siglo XV»). Tal como para o campo da Literatura, também aqui a atenção dada pelos historiadores continua a focar-se em prólogos e dedicatórias, embora se deva apontar uma diferença significativa: a importância atribuída ao conteúdo ideológico do paratexto. Coincidem com esta observação as comunicações de Sarah Voinier, «Dedicatoria y poder en unas crónicas históricas del siglo XVII»<sup>6</sup>, e de Araceli Guillaume-Alonso,

<sup>4</sup> Cf. nota de rodapé n.º 3.

<sup>5</sup> Já antes tive oportunidade de sintetizar o «estado da arte» desta questão em NEMÉSIO, Maria Inês de Andrade e Castro Monjardino (2010) — «*Exemplares Novelas*» e «*Novelas Exemplares*»: os paratextos da ficção em prosa no século XVII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de mestrado. Chamo especial atenção para o primeiro ponto da introdução: «As denominações da ficção narrativa em prosa no século XVII», bem como para um conjunto de referências bibliográficas incluídas na nota de rodapé n.º 3 do artigo deste número 19 da *Via Spiritus* com o mesmo título da minha dissertação (p. 173).

<sup>6</sup> Cf. nota de rodapé n.º 3.

«Construir la memoria y exaltar el linaje. El paratexto al servicio de los Guzmanes». Na sua totalidade, as contribuições agrupadas neste capítulo constituem, segundo Moner, um valioso subsídio quer para o conhecimento do paratexto historiográfico, quer como base documental e metodológica para a área da Literatura muitas vezes confrontada com textos híbridos.

«Lo político y lo religioso» são os dois grandes eixos temáticos em torno dos quais se dispõe a organização do quinto capítulo deste volume. Claude Chauchadis, Marie-Françoise Déodat-Kessedjian e Françoise Crémoux dedicaram, respectivamente, os seus estudos ao «político»: «Paratexto y autoría en los Flos sanctorum renascentista», no qual se observa como se constrói a figura de um autor, nas edições e reedições dos «santorales», a partir de obras anónimas; «El paratexto en la literatura de viajes. El caso de varias peregrinaciones a Tierra Santa», em que se exploram as estratégias editoriais dos santuários marianos; e «El paratexto de los libros de fundación y de milagros en los siglos XVI y XVII. Un recorrido en el corpus mariano», no qual se examina o modo como os editores (compiladores) dos relatos de viagem acabam por exceder os seus autores. Por sua vez, María Arredondo, Michèle Estela-Guillemont e Anne Cayuela debruçaram-se sobre o «religioso»: «Paratextos: Ficción y política en prosas de Castillo Solórzano y Quevedo», artigo em que se reflecte sobre as circunstâncias de publicação das obras; «Política y paratexto. En torno a Martín de Azpilcueta y la reedición del Tratado de alabanza y murmuración de 1572», análise reveladora de um exemplo em que o paratexto não só mantém um vínculo com o texto como, por outro lado, com o contexto histórico imediato; e «Adversa cedunt principi magnanimo. Paratexto y poder en el siglo XVII»<sup>7</sup>, texto que, partindo do caso de Lope de Veja, aborda problemáticas ligadas à utilização de um espaço inicial para construção de uma identidade própria e de uma imagem social concreta do autor.

O sexto capítulo, destinado ao tema da transmissão do saber, inclui trabalhos de investigação que vão desde a exploração de um paratexto raro inserto num livro de cozinha – Nathalie Peyrebonne, «El paratexto de los libros de cocina en la España del siglo XVI, aos comentários explicativos de um refrão – Françoise Cazal, «La emergencia de la personalidad del recopilador en las glosas del Vocabulario de refranes y frases proverbiales de Correas (1627). A estes dois trabalhos, e no mesmo capítulo, somam-se ainda os de Ana Vian Herrero, «Los paratextos dialógicos y su contribución a la poética del diálogo en los siglos XV a XVII», estudo denso e de referência; e de Fernando Copello, «Autobiografía, intimismo y publicidad en la periferia de un libro de Ambrosio de Salazar. Espejo general de la gramática en diálogos... (Rouen, 1614), um autêntico modelo metodológico para os estudos paratextuais, na opinião de Michel Moner.

Por fim, o mesmo se poderá dizer das contribuições que constituem o sétimo e último capítulo deste volume inteiramente dedicado ao «paratexto». Explorando a vertente

<sup>7</sup> Cf. nota de rodapé n.º 3.

iconográfica destes textos preliminares, Pierre Civil dedicou a sua atenção ao frontispício, apresentando um artigo intitulado «El frontispicio y su declaración en algunos libros del Siglo de Oro español». Por sua vez, José María Díez Borque deu continuidade às suas investigações sobre o paratexto inconográfico dos Lazarillos de 1554, à luz dos hábitos editoriais do século XVI: «Las ilustraciones del Lazarillo de 1554».

No seu conjunto, os trabalhos publicados neste livro revelam que em inúmeros casos a especificidade de determinadas obras assenta precisamente na sua «paratextualidade». Porém, e apesar de definições tão bem conhecidas dos que a esta área têm dedicado as suas pesquisas, como a que primeiramente apareceu pela mão de Gérard Genette<sup>8</sup>, o conceito de «paratexto» carece ainda de uma explicação. Neste sentido, seguindo a linha traçada por Genette, mas sem entrar em detalhes de natureza técnica ou teórica, Michel Moner adianta a ideia «de que se puede considerar como paratexto cualquier objeto, textual o gráfico, que mantenga una relación tácita o explícita con el texto que le corresponde, sea para caracterizarlo — prospectiva o retrospectivamente — en la lectura o interpretación del mismo»<sup>9</sup>.

Por isso mesmo, e em hora de concluir, afirma-se seguramente que, reunindo um corpus significativo de «peças» paratextuais, quase todas elas retiradas da Literatura e/ou da Historiografia do «Siglo de Oro» espanhol, os resultados apresentados são bem reveladores das múltiplas facetas do «paratexto áureo» e dão conta da variedade e da fecundidade de abordagens possíveis no âmbito dos estudos paratextuais.

**Maria Inês Nemésio**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Bolseira de Investigação da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Investigadora do CITCEM

ines\_nemesio@hotmail.com

<sup>8</sup> GENETTE, Gérard (1982) — *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, p. 9: «Le second type (de relations [...] transtextuelles) est constitué par la relation [...] que, dans l'ensemble formé par une oeuvre littéraire, le texte proprement dit entretient avec ce que l'on ne peut guère nommer que son paratexte: titre, sous-titre, intertitre; préfaces, postfaces, avertissements, avant-propos, etc; notes marginales, infrapaginales, terminales; épigraphes; illustrations; prière d'insérer, bande, jaquettes [...]». A dedição do conceito de «paratexto» apresentada por Genette foi posteriormente desenvolvida numa outra publicação do mesmo autor: GENETTE, Gérard (1987) — *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil. Col. «Poétique».

<sup>9</sup> MONER Michel — «Introducción. El paratexto: ¿para qué?» In ARREDONDO, María Soledad; CIVIL, Pierre y MONER Michel (eds.) — *Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVIII)*. Madrid: Collection de la Casa Velásquez (111).